

## **O TOMBAMENTO DO CONJUNTO NACIONAL**

Prof. Me. Flávio Luiz Marcondes Bueno de Moraes

### **Resumo**

Este artigo refere-se ao modo pelo qual se deu o processo de tombamento do Edifício do Conjunto Nacional pelo Condephaat - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo -, órgão vinculado a Secretaria de Estado da Cultura do Governo do Estado de São Paulo. Buscamos, assim, possibilitar a divulgação da pesquisa inicial que resultou no reconhecimento do seu valor arquitetônico e histórico pelo Colegiado, e dar o conhecimento de fatos importantes que propiciaram a sua construção, de natureza técnica, assim como o seu envolvimento com a sociedade paulista que acabaram impondo ao edifício como um dos mais destacados símbolos da cidade.

Palavras-chave: patrimônio histórico, arquitetura moderna em São Paulo, tombamento, preservação.

### **Abstract**

This article refers to how had the process of damping of the National Assembly building at Condephaat - Council of defense heritage historical, archaeological, artistic and tourist of State of São Paulo-body linked the State Secretariat of culture of the Government of the State of São Paulo. Searches, thus enabling the dissemination of the initial search resulted in recognition of their architectural and historical value by collegiate, and give the knowledge of important facts which gave rise to the construction of a technical nature, as well as his involvement with the paulista society were enforcing the building as one of the most prominent symbols of the city.

Keywords: historical heritage, modern architecture in São Paulo, damping, preservation.

## **Introdução**

Em 14 de janeiro de 2004, por nossa iniciativa, após a tramitação de processo administrativo e técnico, o Condephaat, Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado, decidiu pelo tombamento do edifício do Conjunto Nacional, na Avenida Paulista. Essa medida viria coroar o reconhecimento mais do que necessário e oportuno do valor de um dos mais importantes marcos da arquitetura paulista existentes na cidade, e que completou 50 anos de existência em 2008. Nesse quadro, o artigo a seguir tem o propósito de, além de enaltecer a sua importância como referência cultural e arquitetônica da cidade, revelar alguns fatos significativos que fizeram parte de sua história desde a sua inauguração, a forma como seu projeto arquitetônico foi elaborado assim como sua construção se desenvolveu, e a ilustração de algumas passagens curiosas que marcaram e construíram a memória de toda uma geração que pode participar direta ou indiretamente dos acontecimentos que ali se fizeram presentes.

## **Metodologia**

A abordagem do tema tratado ensejou a pesquisa sobre o edifício fundamentalmente a partir dos dados constantes no processo de tombamento realizado pelo Condephaat. A partir daí, procurou-se levantar outros dados na bibliografia já existente sobre o edifício em particular e outros dados sobre a Avenida Paulista, de um modo geral. Visitas foram realizadas ao local, onde pudemos verificar as alterações realizadas nas suas dependências que revitalizaram seus espaços externos e internos e que, com isso, trouxeram novas maneiras de utilização do edifício. Além disso, pudemos fazer comparações, exames detalhados e analogias com o período cultural que permitiu a possibilidade da sua construção nos parâmetros elaborados.

## **Resultados**

O edifício do Conjunto Nacional pode ser considerado como um precursor do que viriam a ser mais tarde os shoppings centers que podem ser vistos em toda a parte da cidade hoje em dia. De qualquer forma ele é considerado atualmente como um dos

mais significativos exemplares do movimento moderno da arquitetura em São Paulo, cuja construção iniciou-se em 1954.

Idealizado pelo empresário da rede hoteleira, José Tjurs, e projetado pelo arquiteto David Libeskind, o edifício ocupa todo o quarteirão da Avenida Paulista, no seu lado ímpar, entre a Rua Augusta e a Rua Padre João Manoel.

De enormes proporções, a concepção arquitetônica do edifício revela em si uma evidente inspiração nos modelos norte-americanos da época, que já se utilizavam desta tipologia de arquitetura; isto é, uma composição estruturada basicamente em dois grandes blocos: um deles, disposto horizontalmente e ocupando o máximo de terreno disponível e, o outro, como uma grande lâmina vertical, apoiada sobre o primeiro. Com isso, as funções relativas ao edifício foram definidas, então, em razão da disposição de cada um desses blocos e obedeceu, em geral, a seguinte regra: o bloco horizontal destinava-se predominantemente ao comércio e, a lâmina, a parte correspondente aos serviços e escritórios. Um dos edifícios mais expressivos com este tipo de solução e que certamente influenciou a arquitetura de Libeskind, muito parecido com o Conjunto Nacional, situado em Nova York, é o Lever House, de 1952, projetado pelo arquiteto Gordon Bunshaft, da firma de arquitetura Skidmore, Owings & Merrill.

No caso do Conjunto Nacional, o bloco horizontal ocupa toda área disponível do quarteirão, enquanto o outro, vertical, está recuado da Avenida 72 metros e se divide em 3 torres contíguas de 25 pavimentos.

O arquiteto David Libeskind, numa entrevista dada a revista Goodyear em 1991, em um número especial de final de ano dedicado à Avenida Paulista, discorreu sobre aquela influência que vinha recebendo das novas construções nos Estados Unidos e, também, a respeito das publicações de arquitetura estrangeiras que tinha conhecimento. Nesta entrevista, Libeskind revelou como se deu o processo de construção do edifício assim como a sua concepção. O arquiteto assim se expressou:

Em 1954, eu tinha 25 anos, era recém formado em arquitetura em Belo Horizonte. Ouvi dizer que estava havendo um concurso fechado para um projeto de construção num grande terreno da Avenida Paulista. Procurei o proprietário, Sr. José Tjurs, e ele me disse, em tom de brincadeira, que eu tinha o prazo de uma semana para apresentar alguma proposta.

Eu estava sempre lendo publicações estrangeiras e sabia que nos Estados Unidos, naquela época, estavam sendo construídos muitos centros comerciais. Propus a idéia de uma construção que combinasse uma parte horizontal, para lojas,

com um jardim suspenso e uma lâmina vertical, para apartamentos. E acho que foi por isso que ele gostou e me escolheu.

O Tjurs não sabia exatamente o que pretendia. Foi mudando de idéia na medida em que a construção avançava. Pensou num hotel, mas teve problemas com a Prefeitura. Pensou em apartamentos residenciais e acabou também fazendo uma ala comercial. Lembro-me uma vez que ele disse o seguinte: "Eu quero fazer da Paulista a '5ª Avenida' brasileira. As famílias desses barões que moram aqui hoje ainda vão me pagar royalties pela valorização dos terrenos." Era um homem muito ousado, muito inteligente, embora quase analfabeto, que começou a vida como motorista de praça.

Para mim, de qualquer maneira, foi uma surpresa enorme. Eu não tinha nem escritório para trabalhar e morava numa pensão na General Jardim.

O Conjunto Nacional foi assunto de reportagens nas principais publicações especializadas, em todo o mundo. A *Architecture Aujourd'hui* me incluiu entre as revelações da arquitetura, numa edição de 1960.

Muito do meu projeto foi desvirtuado. O jardim suspenso nunca foi feito, em função do interesse de se vender sempre mais uma área. O que, hoje o Cine Art, que era o Cine Rio, foi projetado para ser um teatro.

Por algum tempo eu resisti, acompanhei a construção, mas depois perdi o controle, tanto que nem gostava mais de ir lá. Agora, recentemente, que a Dra. Vilma (Peramezza, síndica do Conjunto Nacional) andou me fazendo umas consultas, pedindo umas idéias. Como ela está fazendo um trabalho muito sério por lá, eu fui.

O projeto de arquitetura, desde a sua concepção inicial, passou por muitas modificações nos anos seguintes, fato que resultou na abertura de vários processos administrativos para a sua aprovação na Prefeitura Municipal. Dentre todos os processos, interessante destacarmos alguns para que se possa ter conhecimento do grande percurso realizado pelos empreendedores para a construção do edifício.

O primeiro desses processos (010.150/53 - PMSP) se deu em janeiro de 1953, cuja peça inicial solicitava a aprovação de um projeto de construção de um "edifício de hotel, apartamentos e lojas, em um terreno situado na Avenida Paulista, esquina da rua Augusta, de propriedade do Sr. José, Tjurs", que assinava em nome de "HOTÉIS REUNIDOS S/A - HORSÁ". Neste processo, os arquitetos responsáveis pelo projeto da construção eram, curiosamente, Gregori Warchavchik e Salvador Candia.

O arquiteto Gregori Warchavchik é considerado um dos pioneiros da introdução da arquitetura moderna no Brasil. Nascido em Odessa, na Rússia, a 2 de abril de 1886, iniciou seus estudos de arquitetura naquela cidade, interrompendo-os em 1918, quando emigrou para a Itália; concluiu-os em 1920, no Instituto Superior de Belas Artes de Roma, tendo trabalhado nos dois anos seguintes como assistente de Marcelo Piacentini. Em 1923, vem ao Brasil, contratado pela Companhia Construtora de Santos, na época dirigida por Roberto Simonsen. Em 1927, naturaliza-se brasileiro; casa-se com a paisagista Mina Klabin e estabelece sua própria firma de arquitetura e oficina de marcenaria, introduzindo o uso da madeira compensada na sua execução. Constrói sua própria residência, na Rua Santa Cruz, em São Paulo, a primeira moradia em estilo moderno, ou "novo", como preferia denominar, hoje tombada como patrimônio histórico. É responsável por uma série de outros projetos e construções, para as mais variadas finalidades, tanto em São Paulo como fora da cidade, e influenciou toda uma geração de novos arquitetos que viam em sua obra toda a inovação de que precisavam para empreender novos conceitos em arquitetura e em urbanismo.

Nesse primeiro projeto para o Conjunto Nacional, com a assinatura de Warchavchik, previa-se uma área de construção de 100.214,04 m<sup>2</sup>, num terreno medindo 123,45 metros de frente (Avenida Paulista) e 118,60 metros de fundo (rua Augusta). Sua configuração não fugia muito da solução definida por Libeskind; no entanto, a diferença mais contundente referia-se ao bloco horizontal que apresentava uma rua interna, no meio do quarteirão, entre as ruas Augusta e Padre João Manoel, para possibilitar um acesso mais direto para as diversas partes que compunham o edifício.

Para realizar as avaliações necessárias do projeto apresentado, a Prefeitura Municipal formou uma Junta Consultiva, em razão da natureza do empreendimento, que na época fugia às normas de ocupação estabelecidas para o local. Nessa Junta, o arquiteto Rino Levi, chamado a emitir um juízo a respeito do assunto e, após a sua análise, tece uma série de considerações favoráveis ao projeto. Após outras manifestações, igualmente favoráveis, a Junta decide pela aprovação do projeto apresentado, sob o alvará no 66.577, de 17 de abril de 1953, que dizia o seguinte:- "permite-se construir três prédios, destes, dois com subsolos, tico e 23 pavimentos para uma loja, um restaurante, 289 apartamentos e hotel, e um para "magazine" com dois subsolos e dois pavimentos, ... rua Augusta nos 1.825 e 1.849, rua Padre João Manoel

no 122, Avenida Paulista e alameda Santos. área Total: 100.214,04 m<sup>2</sup>. Autores do projeto: Gregori Warchavchik e Salvador Candia".

Este alvará foi posteriormente revalidado pelo alvará no 67.684, de 16 de maio de 1953, que contemplava as mesmas condições do anterior mais a permissão para construção do hotel.

Não obstante o projeto de arquitetura ter obtido deliberação favorável, o então Prefeito Jânio Quadros resolve cassar o alvará concedido, com base em irregularidades constatadas na tramitação do processo e, certamente, influenciado por pressões contrárias havidas no decorrer do processo quanto às alterações ocorridas em relação ao novo uso.

Em 7 de julho de 1955, o interessado do empreendimento, Hotéis Reunidos S.A., retorna à Prefeitura com o propósito de solicitar nova apreciação do projeto de arquitetura, com base no seguinte arrazoado fornecido à Prefeitura:- "em 10 de maio de 1954, devido a uma interpretação de lei, foi cassado pelo então Prefeito, o citado alvará, originando a paralisação das obras já iniciadas e enormes prejuízos ... requerente"; e, dizia, ainda, "revalidado o alvará em apreço, por despacho do Chefe do Executivo, publicado no Diário Oficial do Estado, em 15 de janeiro de 1955, tendo em vista a promulgação da lei no 4.589, viu-se a requerente impossibilitada de executar o primitivo projeto, passada que foi a época de previsão orçamentária, face aos entendimentos das casas de crédito, acrescida com os prejuízos subseqüentes à paralisação imposta, que impediu a realização na época oportuna daquele primitivo plano, em decorrência do projeto aprovado pela própria Prefeitura. Assim sendo, esta empresa foi obrigada a determinar a feitura de novo projeto, que apresenta a V. Excia. em sete vias, solicitando a V. Excia. se digne mandar substituir pelas plantas aprovadas, sendo que a nova construção tem 99.844 m<sup>2</sup>, portanto sem acréscimo de área construída."

Já neste processo, em 1955 portanto, o requerente declara ser o autor do projeto o arquiteto David Libeskind, sendo a construtora responsável pelas obras a "CONSTRUTORA WARCHAVCHIK & NEUMANN LTDA". A Prefeitura, após suas avaliações, decide pela aprovação do processo substitutivo, sob alvará no 106.973, de 16 de novembro de 1955.

Após a tramitação e aprovação deste último processo, os proprietários apresentaram vários outros projetos de arquitetura à Prefeitura Municipal, em razão das seguidas alterações do programa de necessidades e uso havidos no decorrer da

construção do edifício. Para se ter uma idéia destas alterações, comparemos aquele primeiro alvará que mencionamos acima com o de 13 de janeiro de 1963:

A vista do despacho exarado no processo 40.425/61, nos termos da lei 5.717/60, apostilado este alvará 155.929/59, de 11 de dezembro de 1959, processo 217.348/58, em nome de HORSIA Imobiliária S/A para: substituir planta aprovada sem aumento de área, para prédio em 3 blocos, de 27 pavimentos, 2 sub-solos e tico para 1 teatro, 1 cinema, 1 instituto de fisioterapia, 1 restaurante, 65 lojas, e 1.078 salas para escritórios, com modificação total para o bloco da esquerda do conjunto que foi transformado de hotel em prédio de escritórios, a Al. Santos 2.152, Rua Augusta 1.771, 1.835, Avenida Paulista 2.011, 2.125 e Rua Padre João Manoel 40, 68 e 100. Zona: Urbana. Firma Projetista e Construtora: Libeskind & Schainberg Ltda. Responsável Técnico: David Libeskind. Firma Construtora: Construtora Warchavchik & Neumann Ltda. Responsável Técnico: Gregori Warchavchik. 13 de fevereiro de 1963.

Neste alvará, pode-se verificar a desistência por parte dos proprietários na construção do hotel para assumir definitivamente o uso de escritórios. Essa alteração foi motivada, segundo diz o arquiteto David Libeskind, pelo reconhecimento dos proprietários em adequar o prédio ao panorama em que vinha se consagrando a Avenida Paulista já naquela época, por meio das rápidas transformações em sua estrutura urbana, quando perdia o uso tradicionalmente residencial dos anos anteriores.

Outro dado em relação ao prédio, interessante para se destacar, refere-se à construção dos seus dois grandes subsolos. Destinados ao estacionamento de veículos, e previstos desde a primeira fase do projeto arquitetônico, estes revelam a grande capacidade de visão dos idealizadores do empreendimento em relação ao trânsito da cidade. Projetados para 700 veículos e com uma capacidade para receber até, 900, os acessos se dão pela Rua Padre João Manoel e pela Alameda Santos. Por muito tempo, em um deles funcionou um posto de gasolina "Esso", o que era possível graças a pouca movimentação de veículos que se utilizavam deste serviço nos anos iniciais, bastante diferente do que acontece atualmente.

Em virtude da grande dimensão do prédio, sua ocupação se deu de forma gradual; isto é, à medida que as obras terminavam, partes do edifício eram liberadas para a ocupação. Por isso, nunca houve de fato uma inauguração do empreendimento como um todo. Assim, as primeiras atividades com condições adequadas que se utilizaram do prédio do Conjunto Nacional foram as comerciais, previstas para o bloco horizontal. Uma delas foi o famoso restaurante Fasano, em 1957: primeiramente foi

inaugurada a confeitaria, que ocupava uma loja nesse bloco, no térreo. No ano seguinte, no primeiro e no segundo andares da sobreloja, começaram a funcionar o Salão de Festas e o Jardim de Inverno. Fabrizio Fasano descreve como se deu esse comércio:

Na véspera da inauguração do Restaurante Fasano passamos a noite lá, arrumando as últimas coisas, e às cinco da manhã abrimos as portas e demos por inaugurado. E ficamos ali, as luzes acesas, tomando um aperitivo, quando um furgãozinho de padeiro, aqueles forminhos ingleses que os padeiros tinham, parou na porta. O padeiro, começando a entrega, viu as luzes e foi ver o que era, oferecemos um aperitivo, ele aceitou; oferecemos outro, ele aceitou e depois mais outro. Resultado: acabou tomando um fogo, e aquela manhã ninguém recebeu pão.

O Conjunto Nacional era uma área linda, com as calçadas enormes e os corredores amplos. Não era como hoje, cheio de lojinhas. Eu me lembro de sentir cheiro de cal, de cimento, nos corredores, porque por muito tempo nós convivemos com a obra. O térreo já estava funcionando, mas o prédio estava sendo construído. No começo éramos só nós, e logo depois começou também a funcionar uma locadora de automóveis, a Auto Drive; o Rinaldi, floricultor, e uma barbearia, o Salão Nacional, que está lá até, hoje, onde eu cortava o cabelo semanalmente.

As pessoas me diziam: "Seu pai, é louco de abrir um restaurante ali." A Paulista era inteira residencial. A Paulista e a Brasil eram as avenidas das grandes mansões. Mas meu pai tinha um feeling muito especial.

O restaurante e o salão de festas foram abertos em 1958. Era muito elegante, freqüentado por aquelas famílias dos casarões, inclusive. Era obrigatório, por exemplo, ir tomar o aperitivo depois da missa, antes do almoço de domingo. Sobretudo as famílias de origem italiana cultivavam esse hábito. E faziam grandes festas lá, recepções. A mais bonita, em minha opinião, foi o almoço promovido para o Eisenhower.

Foi oferecida pelo consulado americano. Servimos mil pessoas sentadas, no jardim de inverno. Antes de começar, fechamos as cortinas, e entraram 40 garçons, cada um com uma miniatura da estátua da Liberdade, esculpida em gelo e iluminada.

Me lembro também da noite em que Fidel Castro apareceu para jantar. Foi logo depois da revolução cubana. Recebemos uma ligação. Naquele tempo era o DOPS, se não me engano, que cuidava da segurança, perguntando se tínhamos lugar. Passava um pouca da meia-noite, tínhamos apenas oito ou dez mesas ocupadas. Dissemos que sim, que ele viesse. Dali a pouco chegou a comitiva. Fidel e mais 12 ou 13 pessoas, todos de uniforme militar. A única pessoa autorizada a entrar depois dele e a acompanhá-los no jantar foi, se não me engano, o Ruy Mesquita. Eles jantaram, e depois o Fidel pediu para ir à

cozinha, cumprimentou o cozinheiro e deu charuto cubano para todo mundo.

O Fasano também fazia shows de grandes estrelas internacionais. Nem me lembro mais quantos: Sammy Davis Jr., Nat King Cole, Ima Sumach, Marlene Dietrich. Eram trazidos por nós junto com a TV Record e o teatro Record. Como os cachês eram muito altos, isso amortizava o custo.

Em 1963, meu pai vendeu área para a Liquigás. Ele ainda ficou no restaurante até, 1967, mas sofreu um derrame, ficou paraplético e retirou-se.

Quando passo hoje pelo Conjunto Nacional, eu sinto uma nostalgia, sim. Passei três ou quatro anos de minha vida freqüentando aquele lugar, diariamente. Até, que era gostoso. Eu tinha 24 anos. Estava na flor da idade.

Além das pessoas citadas acima por Fabrizio Fasano, o restaurante recebeu, ainda, personalidades em evidência no cenário político e artístico, nacional e internacional; entre eles, o Presidente Juscelino Kubitschek, o Presidente norte-americano Dwight Eisenhower, o governador Carvalho Pinto, a cantora Sarah Vaughan, deputados e senadores. Além disso, promovia uma série de homenagens, festas e bailes, quase sempre acompanhados pelas orquestras de Silvio Mazuca e do Zezinho. No início dos anos 60, havia no Conjunto Nacional o que era um dos pontos elegantes da cidade, o Terrazza Martini. Famosa como ponto de encontro de personalidades de destaque no meio cultural, artístico, e esportivo, em suas dependências foram recepcionadas figuras em evidência na época, como Pelé, Roberto Carlos, Nara Leão, a atriz italiana Cláudia Cardinale e o ator também italiano Vittorio Gassman.

Depois do restaurante Fasano, e da sua enorme repercussão na cidade, entre as elites principalmente, outros estabelecimentos comerciais de renome se mudaram para o edifício, vindos do centro. Como exemplo, vale destacar a primeira sede da loja de Madame Rosita (vestuário), a galeria de Arte Milan e o Cine Astor.

O antigo Cine Astor, também projetado pelo arquiteto David Libeskind, configurava-se num dos exemplares de cinema mais significativos existentes na cidade. Espaço bem característico da fase mais criativa da arquitetura moderna, revelava uma solução arquitetônica bastante apropriada e de muita sensibilidade. O seu ponto alto, sem dúvida, era o espaço resultante do hall de entrada com sua enorme parede de vidro, que o separava da galeria de circulação, e, em especial, a rampa em curva de acesso a sala de projeção, de apurado desenho. Segundo Libeskind, esse hall sofreu algumas alterações promovidas pela distribuidora do cinema. Entre elas, conta-nos Libeskind, a

modificação realizada no começo da rampa, no térreo. Não se sabe por qual razão demoliram parte dela para construção de alguns degraus, fato que desvirtuou a sua própria concepção e natureza. Atualmente, o espaço do Cine Astor abriga a livraria Cultura, lançada em 1947 pelo casal Kurt e Eva Herz, a livraria se instalou no edifício em 1969. Em 2007, o espaço da livraria foi reformado para abrigar suas novas instalações. Essa reforma foi projetada pelo arquiteto Fernando Brandão. Com isso, a livraria tornou-se um novo ponto de encontro da cidade e parada obrigatória para todos aqueles que se utilizam do edifício e nele circulam por seus caminhos.

A consolidação do Edifício do Conjunto Nacional proporcionou uma rápida valorização do metro quadrado da Avenida Paulista e foi, certamente, um dos agentes que mais contribuíram para a mudança do seu perfil de ocupação. Isso se deu, particularmente, pelas atividades de uso comercial que ali se estabeleceram a partir dos anos 50 do século passado, e graças também ao acerto da original concepção arquitetônica do sistema de galerias do térreo, que estimulou outras ocupações do mesmo gênero na Avenida.

Esse sistema de galerias foi concebido como uma praça: cinco ruas com largura de onze metros que se cruzam em uma espécie de praça rodeada por uma rampa em caracol, levando ao mezzanino.

No mezzanino foi plantado um jardim ornado por uma gigantesca cúpula geodésica e por um salão que, primitivamente, serviria para realizar exposições.

A cúpula geodésica foi projetada e calculada pelo engenheiro e arquiteto Hans Eger. Inicialmente, Libeskind havia imaginado um grande domus de vidro para o local, entretanto, encontrava muitas dificuldades técnicas para sua execução. Ciente disso, e por intermédio de uma publicação de arquitetura sobre o Conjunto Nacional na França, Eger se ofereceu para construí-la, segundo conta Libeskind.

A estrutura da cúpula geodésica consiste em perfis de alumínio com 2 mm de espessura e comporta 95 elementos em forma hexagonal de 20 diferentes tipos. O conjunto da cúpula cobre uma superfície de 1.000 m<sup>2</sup> e chegou a empregar 3,2 toneladas de perfis de alumínio, com 29,70 metros de diâmetro. Está assentada sobre um anel de concreto armado sobre pilares curvos que limitam o espaço de circulação das vastas rampas de acesso ao piso superior, onde está o jardim suspenso do bloco horizontal. Sua transparência permite passar uma luz difusa até o térreo das galerias que valoriza sobremaneira esse espaço de circulação, criando singular efeito plástico e

arquitetônico. Esta cúpula geodésica, segundo ainda o arquiteto David Libeskind, foi a primeira a ser construída na América Latina.

O sistema de galerias e lojas sofreu várias modificações ao longo do tempo e a partir de meados dos anos 70 o edifício do Conjunto Nacional passou a conhecer um período de decadência. Não se fazia mais nenhum tipo de benfeitoria e sem uma administração eficiente, o edifício foi se transformando em um lugar nada estimulante para novos investimentos. As unidades começaram a perder valor e o térreo do Conjunto Nacional virou muito mais uma passagem para pedestres do que um lugar de visita ou permanência, como nos anos anteriores.

Por volta de 1975, o edifício sofreu uma reforma que alterou parcialmente a sua concepção inicial. Fecharam com paredes as passagens livres dos pilotis que apoiavam o bloco vertical no mezzanino, onde edificaram outros salões. Além disso, construíram bem no meio das galerias de circulação dos pedestres lanchonetes e lojas, não previstas para o local. Como exemplo, vale destacar a presença de uma lanchonete que havia sido construída encostada na coluna central de apoio da rampa circular, que desvirtuava sobremaneira a fruição do espaço das galerias e foi demolida no fim dos anos 90. .

Em 1976, foi instalado na cobertura do edifício o famoso relógio luminoso. Atualmente este relógio expõe propaganda do Banco Itaú, informa as horas e a temperatura, que são legíveis a 12 Km de distância. Por 16 anos, veiculou propaganda da Willys, uma marca de automóvel. O relógio Itaú, projetado por João Bosco Capani, e detalhado pelo engenheiro eletrônico Paul Bulttazi,<sup>107</sup> está apoiado numa estrutura de aço que pesa 230 toneladas. O relógio possui três faces, duas de mesma dimensão (20 m x 30 m), voltadas para o centro da cidade e para os "Jardins", e a terceira (6 m x 15 m), para o Pacaembu e Sumaré. Em 1986, seu funcionamento foi interrompido por 90 dias para reformas. As 2.800 lâmpadas incandescentes de 150 w, controladas por um sistema de relês, foram substituídas por 6 km de tubo de néon branco, controlados por 2 computadores.

O relógio luminoso tem se configurado ao longo dos anos uma inconfundível referência na cidade, pela sua presença física, dimensão e informação que presta ao público.

A partir de 1984, com outra administração no poder, o edifício do Conjunto Nacional foi paulatinamente alterando o panorama de deterioração a que estava submetido. A síndica do Conjunto Nacional, Vilma Peramezza, nos dá uma idéia dos problemas com os quais tinha de se defrontar:

O começo foi um desafio. Tive de harmonizar milhões de disputas internas, conquistar o apoio dos proprietários. O condomínio tinha 40 funcionários - hoje temos 200. O pessoal da manutenção não tinha uma chave de fenda que pudesse usar.

A população do Conjunto Nacional, no final dos anos 80, era estimada, entre moradores e trabalhadores, em cerca de 10 mil pessoas, e a população flutuante atingia as mesmas proporções. Essa população, nada insignificante e até hoje em número igual, traduz a grande complexidade funcional a que o edifício está submetido. Esta população está compromissada com o uso das variadas atividades existentes, desde as comerciais, residenciais, de serviços até diversões, compreendendo lojas, bancos, lanchonetes do tipo fast-foods, restaurantes como o "Viena", papelaria, grandes escritórios, bancos, consultórios médicos, dentistas, livraria, salas de cinema, O antigo Cinearte, hoje Cine Bombril, foi originalmente projetado para abrigar um teatro, para o qual o arquiteto David Libeskind se empenhou em consultar os mais diversos especialistas no gênero. O mezzanino, além dos usos já citados, também abriga hoje uma academia de ginástica e lojas, no mesmo espaço que já abrigou a Secretaria Municipal do Verde e do Meio ambiente, órgão da Prefeitura de São Paulo.

A política desenvolvida pela administração do edifício, ao longo desses últimos 24 anos, tem conseguido bons resultados na valorização do prédio e por meio de diversas reformas empreendidas pela administração trouxeram outros benefícios e melhorias às suas condições de conservação. Entre estas, a recuperação da marquise externa e o disciplinamento das propagandas nas fachadas do prédio, além da promoção de pequenas exposições no espaço das galerias do térreo, que resultou na criação em dezembro de 1997, do Espaço Cultural Conjunto Nacional, iniciado com uma exposição de diversos artistas consagrados.

No âmbito social, o edifício abriga eventos de ONGs, entidades assistenciais e de vários órgãos que lutam pela defesa dos direitos do cidadão, além de realizar ações de utilidade pública.

Em 2008, ao completar 50 anos, além de ser a sede dos escritórios de muitas empresas, de contar com um ativo centro comercial e conquistar seus espaços internos pela arte e pela qualidade de vida, o Conjunto Nacional se encontra em plena sintonia com a nova realidade da Avenida Paulista.

## **Conclusão**

Mais do que o reconhecimento por parte do Poder Público, no caso, o Condephaat, do valor histórico e arquitetônico atribuído ao Conjunto Nacional como parte do conjunto de bens tombados pelo Estado, é importante reconhecer que a preservação de qualquer imóvel se consolida pelo seu uso adequado e racional. E, mais do que isso, entendemos também que a apropriação dos imóveis, sobretudo aqueles que tenham sido preservados oficialmente, deve necessariamente obedecer à dinâmica social que se impõe no tempo, seja pelas novas demandas de uso ou novas tecnologias oferecidas, mas que sigam critérios que não conflitem com as razões principais que deram margem ao aparecimento de bens imóveis de valor tão significativo para a sociedade. Sem essa visão, corremos o risco da perda de outros tantos imóveis igualmente significativos ainda existentes em São Paulo. É nesse quadro, portanto, que se configura o Conjunto Nacional.

## **Referências**

### **Livros**

**BENEVOLO**, L. História da Arquitetura Moderna. São Paulo: Perspectiva, 1998.

**BRUAND**, Yves. Arquitetura Contemporânea no Brasil, São Paulo: Perspectiva 1981

**IACOCCA**, Ângelo. Conjunto Nacional: A Conquista da Paulista. São Paulo: Origem, 2004.

### **Revistas e Jornais**

Revista Goodyear. Edição especial de fim de ano: Avenida Paulista: O futuro faz cem anos. “Quando o concreto soterra sonhos”. Entrevista concedida Marta Góes. Out/No/Dez, 1991, págs. 30-1.

Revista Architecture d'Aujourd'hui no 85-Setembro de 1959, p gs. 92-3.

Jornal da Tarde, de 24-3-1987, "Nome desta cidade: Conjunto Nacional." Entrevista concedida a Cristina Duran.

### **Documentos Públicos**

Processo no 010.150/53. Prefeitura Municipal de São Paulo. Divisão de arquivo.

Freguesia do Ó.

Processo Condephaat nº 42666/01. Estudo de Tombamento do Conjunto Nacional